

O INIMIGO

Salvador · Bahia · Brasil · Primavera 84 · Nº 18

DOREI

Enfim um jornal Anarquista

CONTAMOS TUDO!

AS RELAÇÕES SECRETAS ENTRE MALUF E ROBERTA GLOSE



Nessas propostas



Maluf: rumo ao poder, aos troncos barbaços e muita grana



Tancredo Neves: da velha safra dos travestis políticos brasileiros



Roberta Close agora tem sérios concorrentes, na política...

A volta d'O Inimigo

O INIMIGO DO REI está de volta. Apesar de ninguém se aperceber disto (o pior cego...), é o único jornal autogestionário feito no Brasil e o único alternativo político feito na Bahia. As dificuldades são imensas, principalmente as financeiras, pois como o Centro de Informações do Exército (CIEX) dizia nos idos do começo do governo Figueiredo, a meta do Sistema não é a censura da Polícia e, sim, a censura econômica. Isto é, eles foram criando barreiras e mais barreiras econômicas para a impressão de qualquer coisa, a tal ponto que ficou tão caro imprimir o jornal que tivemos que passar uma temporada nos reorganizando para vencer os obstáculos que o Sistema colocou à nossa frente.

Mas, vencemos! E muita (muita mesmo...) gente não vai gostar disso, o que é a nossa maior alegria.

Este número é um documento, repleto de propostas, no qual resumimos, muito sin-

teticamente, como os libertários vêem o momento atual, no mundo e no Brasil. O resumo foi uma imposição: não pudemos editar um jornal de 20 páginas, como era antigamente, principalmente porque, além da conspiração capitalista, tivemos que enfrentar, também, a falta de apoio generalizada.

Nada do que dizemos é definitivo. São pontos para uma discussão, que é o que propomos. Não há anarquismo nas coisas definitivas a não ser em uma coisa: na denúncia eterna da farsa, do mau-caratismo e da exploração.

Quanto às **RELAÇÕES SECRETAS ENTRE PAULO MALUF E ROBERTA CLOSE** (o momento tão esperado...), elas existem e são muitas, na medida em que somente um país como o Brasil, entregue a uma súcia de incompetentes, ladrões, corruptos, gananciosos e todo tipo de maus-caracteres, pode ter como candidato à Presidência da República um elemento como o Sr. Paulo

Salim Maluf, cujos adjetivos, nos eximimos de repetir aqui. Ele é um travesti de político e um travesti de estadista, tal como o seu colega, o senhor Roberta Close. Estas são as relações secretas entre os dois, que quase ninguém viu: ambos são travestis. Um imita mulher e o outro faz mímica de pessoa séria.

E, o pior, outro travesti combate o Sr. Maluf: o ex-governador Tancredo Neves, no papel (que não lhe cabe, efetivamente...) de democrata a serviço da salvação nacional. Tão democrata que é o candidato do presidente Ronald Reagan, dos Estados Unidos, enquanto o Sr. Maluf é o candidato dos árabes.

Por estas e por outras é que somos contra as diretas-já, AQUI e pedimos, diretas-LÁ, ou seja, eleições para presidente do Brasil nos EUA e na Arábia Saudita.

Reconheçamos: é o fim!

A maior distorção que atualmente permeia a discussão política diz respeito à definição filosófica do anarquismo. Muitos porras-loucas, desiludidos com a prática dos grupos da esquerda oficial, por causa de seu caráter totalitário, estão aderindo a uma irresponsabilidade crônica, à qual querem emprestar uma capa de seriedade, taxando a si mesmos, de anarquistas. Em verdade, por sua natureza anti-autoritária, o anarquismo permite em seu meio a militância de qualquer ser humano: mulher, homem, homo e heterossexuais; maconheiros, ricos e pobres; brancos, índios e negros, etc. etc. etc., sem distinção. No entanto, essa militância implica uma certa autodisciplina ideológica (note-se que não é a disciplina imposta por fascistas ou marxistas), que se traduz no conhecimento do que é ser anarquista. E o que é isso? É, antes de mais nada, ser socialista.

O anarquismo quer, defende a luta pelo fim da propriedade, que propomos seja destruída e substituída pela socialização dos meios de produção, com administração operária ou autogestão, tema que será mais ampliado a seguir. Note-se que não é um estado operário que admistra, mas o próprio operário, sem delegação de poder. Isso leva a outro fundamento anarquista: não há a menor possibilidade de contemporização com o estado, seu parlamento, sua justiça, seus partidos, seja qual for a coloração. A isto, o anarquismo contrapõe a auto-organização social, com autogestão generalizada, que não é se fazer o que se bem entende, como alguns desbundados querem, mas organizar-se com

Anarquismo: uma introdução

outros anarquistas para a substituição do capitalismo e do marxismo por uma sociedade sem poder. Não há contradição entre anarquia e organização, mesmo porque anarquia não é bagunça.

Outro princípio fundamental de que não se pode abrir mão é o igualitarismo radical. Não somos como os comunistas soviéticos, chineses, cubanos ou albaneses, que acham que uma elite de membros do Partido Comunista tem o direito de usufruir dos bens sociais e administrá-los sozinha. Na sociedade anárquica não há lugar para classes, castas ou instituições. O nível de vida material e intelectual deve ser o mesmo para todas as categorias profissionais, ou seja: tudo para todos, luxo para todos, a instauração da igualdade. Não a igualdade babaca feita por Mao, na China, de todo mundo vestir o mesmo modelito, e ele, Mao, morar num palácio; ao povo, casebres.

De forma um tanto didática, mas necessária, pois a maioria das pessoas não estudou História, ou o fez de forma inadequada — não aprendendo o que aconteceu, mas o

que certos historiadores de má fé preferem que tenha acontecido —, vejamos um pouco o que foi, é, propõe o anarquismo, tentando aprofundar algumas das coisas que já foram ditas.

Historicamente, com a evolução do capitalismo, a afirmação da burguesia como classe dominante e o enfraquecimento do poder da Igreja, há um terreno propício para o florescimento de novas idéias, entre as quais o liberalismo dos iluministas e o socialismo utópico, que teve em Fourier um dos seus expoentes. Posteriormente, com o acirrar das contradições que o capital engendra em si mesmo, surge um novo corpo de idéias, mais tarde chamado simplesmente socialismo, o qual postula, como já vimos, entre outras coisas, o fim da propriedade privada, principal responsável pela dominação do homem pelo homem. Na década de 60 do século passado, a classe operária amadurecia, conscientizando-se do seu papel no contexto econômico; formou, então, a Associação Internacional dos Trabalhadores, mais tarde conhecida como I Internacional, cujo pri-

meiro congresso deu-se em 1866. É aí que ocorre o confronto entre duas visões distintas (e bastante distintas...) a saber: a anarquista e a marxista. Esta, tendo como mentor espiritual o tristemente célebre Karl Marx. Em síntese, ele defendia o rumo da Revolução Socialista sob o controle do Estado. Apoiado em sua tese do materialismo histórico, Marx acredita ter descoberto a missão do proletariado na história, missão esta que não é sequer perceptível e/ou conhecida pelo próprio proletariado, o que vem a mostrar que a ortodoxia é inerente à doutrina marxista. E não poderia ser de outra forma, já que sua dialética é derivada da hegeliana, apenas trocando o "espírito" de Hegel pelo "trabalhador" de Marx.

Já o anarquismo propõe uma ruptura definitiva com o contexto autoritário da história. Para isso, pede o poder para ninguém. Acreditavam os anarquistas que o simples fato de se utilizar dos mecanismos estatais condenaria ao fracasso qualquer modificação radical da e na sociedade. A história se incumbiria de acabar com a lenda muito difundida de que o anarquismo sempre esteve à parte do movimento político operário. É bom que se diga que a ideologia libertária predominava nos meios proletários dos países latinos (inclusive o Brasil). Recorde-mos a Comuna de Paris, o levante na Espanha nos fins do século passado, os mártires de Chicago, a Revolução Mexicana, a grande greve geral brasileira de 1917, principalmente em São Paulo. Os marxistas, até então, sempre vinham a reboque, exercendo seus conhecidos métodos de características autoritárias (desde conchavos, queimações, delações, destruição de arquivos e documentos,

acordos secretos com os detentores do poder, até os assassinatos de militantes anarquistas, aliás cometidos em larga escala, como nos casos de Portugal (em 1934) e Espanha (durante a Guerra Civil), não esquecerem Kronstadt e o Movimento Macknovista.

RUSSOS FUZILAM ANARQUISTAS

A Revolução Russa de 1917, apesar de rica em experiências libertárias, em seu início, assinala o fim do predomínio ideológico anarquista entre os movimentos operários, já que desencadeou uma violenta luta pelo poder, desviando o socialismo para a via parlamentar, empastelando-o. En passant, os anarquistas, como discordavam disso, eram simplesmente fuzilados. Tal costume, iniciado por Lênin, incentivado por Trotsky e levado a extremos por Stalin, é explicado por ser incômoda a presença de gente que não cessava de denunciar seus crimes. É bom não esquecer Rosa Luxemburgo, que alguns teimam em intitular libertária; não era nada disso, como prova a Liga Spartakista, por ela idealizada, que apregoava a tolerância entre os comunistas, apenas — os anarquistas que se arrombassem.

Contrária à luta parlamentar como meio de libertação do proletariado, o socialismo libertário, entretanto, não rejeita a política, mas, sim, a politicagem, burguesa ou não. Exemplo: a disputa pelo poder, introduzida no seio da I Internacional, através dos conhecidos métodos de Marx e Engels, durante a Conferência de Londres, em 1871, e no Congresso de Haia, no ano seguinte. A esta forma de luta, os trabalhadores colocaram em oposição o sindicalismo revolucionário, hoje conhecido como anarco-sindicalismo, no qual o sindicato não apenas serviria para a luta político-econômica dos trabalhadores contra a burguesia, como seria o futuro organizador da economia na sociedade pós-revolucionária. O anarco-sindicalismo teve rápida difusão no meio operário, por ser anti-autoritário e defender com intransigência a autogestão.

Mas o que é exatamente esta expressão tão usada e tão pouco entendida? Por autogestão entende-se a forma do trabalhador interferir diretamente nas formas de produção, na distribuição dos produtos e no consumo interno, pois as fábricas, os mercados, tudo pertence a todos. Não há intermediários, não há lucros, não há donos. Não há, em suma, o capitalismo, suas contradições e suas vítimas.

As características, hoje, são bem diferentes das do século passado. O capitalismo cresceu, adaptou-se, aprendeu a conviver com suas ambigüidades. Já não existem, em número significativo, os profissionais de ofício, dos quais dependia fundamentalmente a produção e que foram os primeiros anarco-sindicalistas politizados, conscientes de sua função real, ou seja, o de únicos responsáveis pelo "aparecimento" das riquezas. Ora, desenvolvendo-se, o capital separou o trabalhador do trabalho, dispensando cada vez mais a mão-de-obra qualificada, pois suas máquinas não necessitam de conhecimentos técnico-científicos para funcionar nem cobram salários justos, fazendo com que uma quantidade cada vez maior de trabalhadores aceite pagamentos cada vez menores, tentando escapar do desemprego. Isso vem desmentir certas previsões — segundo as quais, com o progresso do capitalismo surgiria uma classe trabalhadora mais e mais especializada, e, portanto, apta para se apropriar das forças produtoras e cônica da negação do trabalho pelo capital. Ocorreu o contrário: tais formas de produção não só fogem do controle de quem trabalha, como apenas provocam, no máximo, uma consciência social-democrata. O anarquismo não ignora esse fato, mas nem por isso vê desmentida a proposta autogestionária.

É evidente que a classe trabalhadora perdeu sua identificação específica como possuidora de técnica profissional, diferenciando-se em grande extensão por funções, qualificações e categorias ligadas a um processo de produção que relacionam os trabalhadores por cima e sem qualquer autonomia. Do mesmo modo, o capitalismo, com elevada capacidade produtiva do seu próprio sistema, acabou por negociar, regulando as condições de trabalho e salários, num sistema de compromisso, dispondo do Estado como mediador. Ao aceitar este sistema, os sindicatos gradualmente perderam a capacidade ofensiva de questionar os empregadores e a sociedade, na medida em que assumi-

ram o compromisso de negociar nos termos da legislação. Isso ocorria ao mesmo tempo em que a transformação dos processos de produção e as relações de trabalho dissolviam os principais elos que tinham criado o espírito de solidariedade e luta entre os trabalhadores, diluídos pela hierarquização das funções em extensão. O operário de outrora era rebelde e solidário; o de hoje é um conformado parafuso de aparelho de produção, facilmente substituível e, sobretudo, apavado com o espectro do desemprego, com o inevitável desabar de seu nível de vida, sua casa com aparelhagem doméstica ou um possível automóvel, preocupado com a educação dos filhos e coisa e tal. Como hipótese à vista, acessível e alardeada pelos interessados, tem o partido político, pelo qual julga intervir e decidir, por mera delegação, nos destinos do país e na solução dos problemas sociais. Perante este quadro, perguntamos se o anarco-sindicalismo tem uma resposta viável.

REVERTER O PROCESSO

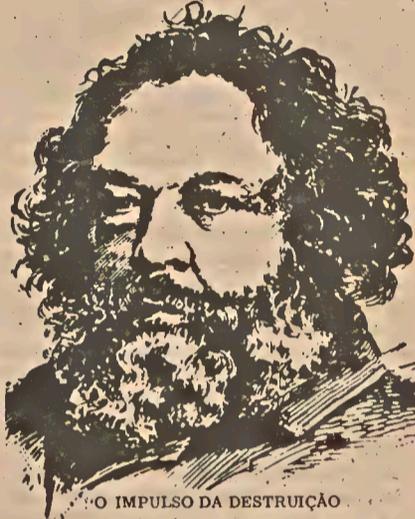
Comecemos por fazer breve regresso no tempo. No último século, o conceito de anarco-sindicalismo era, sobretudo, uma prática anarquista levada aos locais de trabalho e às organizações sindicais, conduzindo-se à realização dos ideais libertários. Não era um sindicalismo com adaptações anarquistas. Se o primeiro sofreu deformações como modelo organizativo, o anarquismo, não. Precisamos lembrar que os sindicatos integrados no sistema e os trabalhadores constituem uma população de vulto operando no campo da produção, participando da estrutura econômica que pretendemos transformar, para o que temos de exercer sobre eles uma ação crítica, de desmontagem do sistema, se queremos afinal realizar nossos objetivos sociais. Ultrapassando esse âmbito mesquinho, os trabalhadores têm fora dele problemas muito graves que se identificam no interesse comum das populações. O sindicalismo dificilmente os alcança, mas importa analisá-los e abrangê-los em termos revolucionários.

Contemplando o homem na sua extensão e diversidade, os anarquistas não se limitam a compreendê-lo somente como proletário, ou a fazer depender a sociedade simplesmente do modelo de produção. Não se limitam ao trabalho, mas tenta alcançar toda a problemática social. Dessa forma, acredita ser possível uma transformação radical, não destruindo tudo e começando de nada, mas revertendo o processo produtivo atual, que atende à racionalidade capitalista, por uma racionalidade socialista. Contudo, não têm fórmulas para isso. Os trabalhadores em seu conjunto deverão descobri-las e aplicá-las, no momento histórico certo. Não se trata de fugir ao debate de idéias, mas de reconhecer que o proletariado mais cedo ou mais tarde encontrará seu caminho, sem vanguardeiros com soluções prontas. Aqueles que já possuem uma consciência socialista servem como referências, nunca dirigentes, para não incorrerem nos mesmos erros das revoluções anteriores, que não passaram de golpes de estado, onde houve a formação de novas classes dominantes.

A autogestão vai assumir as formas que o momento propiciar. Gerir uma fábrica é tarefa de todos que nela trabalham. O que produzir, como produzir e para quem produzir — as três questões básicas em qualquer economia — deve ser decidido por quem produz. Pode-se argumentar, e com razão, sobre a inviabilidade da autogestão no estágio econômico atual, mas cabe ressaltar que o anarquismo não pretende que a economia socialista seja a coroação da capitalista, pois superdesenvolvimento do Capitalismo é prenúncio de delírios e neuroses, nunca de Socialismo (e contra isso não há psicanalista que dê jeito). O modo capitalista de produção só atende à ideologia burguesa, portanto o Polo Petroquímico e as grandes corporações devem desaparecer, junto aos seus idealizadores. Basta analisar o Polo para ver a mais explícita ação de um campo de trabalhos forçados, e as corporações são as mais evidentes provas de que continuamos na sociedade escravista, só que adaptada aos novos modos de produção. Assim, a economia atual deve ser trocada por uma que se baseie em pequenas unidades de produção; a megalomania burguesa e marxista só atende aos interesses da classe privilegiada. Quanto ao argumento de que pequenas unidades

não atenderiam ao consumo, lembremos que parte considerável da produção atual é completa e totalmente desnecessária — para que precisamos de vinte diferentes tipos de papel higiênico das mais diversas cores, texturas e qualidade?...

É verdade que hoje não é mais possível a identificação do trabalhador com o seu trabalho; a mecanização separa aquele deste. Mas também é verdade que a revolução da robótica e da cibernética promete ao homem mais tempo livre, para que a alienação no trabalho seja compensada por outras atividades, como, por exemplo, a volta à vida em comunidade, inteiramente esfacelada pela sociedade pós-industrial. Cumpra salientar que a gestão direta conta com o desen-



"O IMPULSO DA DESTRUIÇÃO
TAMBÉM É UM IMPULSO CRIADOR"

Bakunin

volvimento das comunicações e computação, facilitando bastante as relações entre os vários sindicatos. Mas como serão essas relações apenas a economia socialista poderá responder. Resta-nos a proposta de destruir a economia burguesa e a espera revolucionária do momento histórico.

Numa tal sociedade, não pode haver o Estado, negação de tudo o que dissemos, por servir principalmente para absorver e cumprir os interesses da classe dominante. Sendo responsável pela sociedade classista, alimenta-a e se alimenta dela. Parafraseando o conceito que aprendemos na escola: o Estado é a nação politicamente organizada pela classe dominante para melhor submeter e explorar a classe dominada. Assim, a essência do Estado é justamente a divisão da sociedade em classes, portanto, incorre em erro grave quem acredita na destruição das castas através de um tipo qualquer de Estado. Para destruir as primeiras, temos necessariamente que acabar de imediato com o segundo, visto que a dominação política também gera a dominação econômica. Todo cuidado é pouco em relação aos "revolucionários" que defendem o desatrelamento dos sindicatos do Estado, mas que pretendem mantê-lo, como período de transição. A primeira providência que estes senhores tomam, ao assumir o poder, é atrelar os sindicatos ao seu Estado. Recordemos aqui a Revolução Russa: em 1919, o Comitê Central do Partido Comunista, sob o reinado de Lênin, resolve colocar em cada conselho operário uma fração de comunistas inteiramente subordinada ao partido; todos os cargos seriam votados por ela e todas as decisões seriam por ela tomadas. Em maio do ano seguinte, a fração bolchevique do Sindicato dos Metalúrgicos de Moscou, por 40 votos contra 12, recusou a lista de candidatos apresentados pelo Comitê Central para seus cargos executivos. Pois o Comitê simplesmente ignorou o resultado da eleição e nomeou seus próprios candidatos. Em dezembro de 1921, logo após o massacre dos camponeses ucranianos por Leon Trotsky, para evitar que certas frações se "rebelassem" contra os chefes, o Comitê decidiu que delas só fariam parte, a partir dessa data, os elementos experimentados do Partido, que não tivessem pertencido a nenhum outro. Quando Stalin chegou ao poder, o terreno estava preparado para ele semear seus instintos sanguinários; não inventou nada, o circo já se encontrava armado e ele pode tranquilamente abrir o período mais sanguinolento do nosso tempo.

LINGUAGEM DA ESPINGARDA

Se é possível traçar algumas tímidas diretrizes sobre a autogestão econômica e o fim do Estado, é impossível fazer o mesmo sobre a autogestão social. Por mais anarquista que seja o idealizador, ele estará impregnado do autoritarismo vigente, carregando, ainda que inconscientemente, sequelas da ditadura burguesa para a sociedade libertária. Os sobreviventes da ordem burguesa destruída organizarão a nova sociedade de acordo com as circunstâncias histórico-sociais, não devendo esquecer que essa organização é anárquica, ou a nova ordem social não passará de nova roupagem para a velha ordem. O importante é ter em mente que o Estado não pode sobreviver nem por um minuto; o resto vem na enxurrada. Há quem diga, desconhecendo a história ou francamente de má fé, que a teoria libertária é muito bonita, mas nunca foi posta em prática. Isso não é verdadeiro. Entre as experiências anarquistas, as mais importantes foram a da Ucrânia e a da Espanha, durante a Revolução Russa e a Guerra Civil Espanhola, respectivamente. A primeira, conhecida como Movimento Macknovista, autogestionou uma região equivalente à Bélgica e à Holanda juntas, sendo esmagada por Trotsky, que jamais admitiu a autonomia do povo, e, se muitas vezes precisava recorrer à "linguagem da espingarda", isso não o constrangia, segundo ele mesmo afirmou. Já na Espanha, num cenário de horror em derredor, a Catalunha foi anarquizada, mostrando na prática aquilo que até então era visto como utopia. O proletariado espanhol não fora entregue de bandeja ao fascismo, como o alemão a Hitler, com ajuda da III Internacional stalinista. Juntaram-se, então, bárbaros de um lado e cossacos do outro para assassinar pelas costas os trabalhadores que lutavam contra Franco. A experiência da Catalunha ainda não foi devidamente avaliada por uma História honesta e íntegra; na verdade, é subestimada e caluniada até mesmo por alguns anarquistas, que tentam responsabilizar outros (os que assumiram cargos no governo, apenas e unicamente para fazerem chegar armas a Barcelona) pela vitória de Franco. Tal análise é inconsequente, irresponsável e historicamente falsa. É verdade que os erros cometidos pelos anarquistas foram graves, mas não responsáveis pela derrota. Lembremos que toda a conjuntura da época favorecia o nazifascismo. A Inglaterra e a França, temendo que a autogestão saltasse as fronteiras, fecharam os olhos à intervenção hitlerista em território espanhol; a Santa Madre Igreja fazia a apologia do fascismo; Stalin mandava ordens expressas para fuzilar os anarquistas. Uma coisa, entretanto, não pode ser negada: a autogestão foi praticada.

O anarquismo não luta pela tomada do poder, não se interessa por garantir uma prefeitura aqui, um deputado ali, e por aí vai. Aos anarquistas não interessam apenas os fins, mas também os princípios e os meios até que se estabeleça uma sociedade libertária. Os métodos são importantes; não é se utilizando de métodos sujos que alguém é anarquista. Frederica Montseny, uma das líderes da CNT (Confederação Nacional dos Trabalhadores) espanhola, foi questionada: por que os anarquistas não tentaram negociar Barcelona, onde tinham maioria absoluta, com Franco, durante a Guerra Civil? Ao que Frederica respondeu: "Porque para ficarmos em Barcelona teríamos que implantar uma ditadura".

Finalizando, devemos dizer que, se você não quer oprimir ninguém e não quer igualmente ser oprimido por ninguém, você é anarquista. Pode até ser que nem saiba, talvez nunca tenha pensado nesse assunto. É claro que você não é perfeito; anarquista nenhum o é. Oprimimos e somos oprimidos continuamente pela sociedade na qual estamos, mas o próprio conhecimento que temos dessas formas mais sutis de opressão que o fuzil ou o pau-de-arara leva-nos a refletir sempre, a sempre questionarmos nossos papéis de opressores e oprimidos, a fim de que abandonemos tais posturas. Não é fácil. Levamos anos de vida para ser o que somos e levaremos outros mais aperfeiçoando nossas propostas e a melhor maneira de colocá-las em prática. E não é apenas saber disso. Somente a boa intenção é muito pouco; ela rapidamente se degenera em contato com o poder. É necessário honestidade. Para ser anarquista mesmo, o sujeito tem que ser, antes de mais nada, honesto, no sentido que Genet dá à palavra.

Universidade, movimentações estudantis e autogestão.

A universidade é uma reprodução do sistema que estamos avaliando, uma espécie de microcosmo do resto, e assim apresenta mais ou menos as mesmas características de cunho totalitário. Para que possamos modificar esta situação, é necessário questionar a estrutura autoritária, traduzida na postura ditatorial das reitorias, dos professores nas salas de aula, nas provas e exames, nos movimentos estudantis e em tudo aquilo que caracteriza sua função institucional. Toda instituição é repressiva, hierárquica e burocrática em si mesma e a universidade não é exceção, na medida em que não só as funções administrativas como as decisões em todos os níveis vêm sempre de cima para baixo. Do poder central ao reitor e assim decrescentemente, não se permitindo qualquer contestação mais eficaz. Isso, aliás, não é novidade pra ninguém.

A universidade não é nada mais que uma central de controle ideológico, segundo, é claro, os mandamentos políticos do sistema a que pertence, a fim de eternizar uma situação que interessa a ele. É uma arena murada onde são jogados os filhos da pequena burguesia para se degladiarem nos movimentos

Dentro de um organismo autoritário como esta instituição, a repressão dá-se nos diversos níveis, tanto em relação a alunos quanto a professores e pesquisadores. Mas talvez onde o autoritarismo se dá mais cotidiana e diretamente seja na relação professor-aluno. Não há nada mais chato, cansativo, monótono e ineficiente do que o método expositivo de aula, onde quem detém o saber (e, portanto, o poder) é o professor, o qual passa uma, duas ou mais horas dizendo bobagens na maioria das vezes; já o aluno fica dormindo, conversando, coçando o saco ou fazendo voar um aviãozinho.

O papel político da universidade, ou seja, contenção ideológica e perpetuação dos valores vigentes, é o mesmo, seja qual for a coloração ideológica a que ela pertença. Nos países "democráticos", pequenas reformas são efetuadas periodicamente, após pressão por parte dos alunos ou de grupos interessados; tais reformas nunca ultrapassam o nível de pequenas instituições como grêmios, diretórios acadêmicos ou centrais, uniões parciais ou totais de estudantes, mantendo a incompetência administrativa dentro dos limites de praxe. Nos países ditos socialistas, ou assumidamente fascistas, essas pequenas

de apologia do totalitarismo, das arbitrariedades, do centralismo, do culto à hierarquia, em suma, do fascismo. Esta peça, entretanto, tem seus momentos caricatos, como recrutar meninos recém-chegados do interior, com pouco senso crítico, desinformados e que só vão reafirmar seus preconceitos: deixam de votar no prefeito da situação e votam em líderes iluminados.

OS MENINOS DO BRASIL

Para esses jovens que vêm do interior ou de bairros suburbanos das grandes capitais, só o diploma não garante futuro a ninguém e af a carreira política aparece como saída. Os partidinhos que atendem essa clientela exigem cega obediência e oferecem pequenos cargos ou encargos que dão a ilusão fugaz de que esses militantes vão subir-na vida. Na verdade, os meninos estão apenas treinando, aprendendo a manipular as assembleias, a mistificar, a fazer conchavos, a falar em nome do povo (o qual nem pode pedir-lhes que se calem), a cooptar idéias, a apresentar soluções embrulhadas pela cúpula de seu partido, a conseguir mais vítimas para esse grande curral eleitoral que é a nossa universidade, ajudando a escalada política dos seus queridos gurus.

Obviamente, num primeiro estágio, o ranço interiorano de alguns universitários do sertão se casa perfeitamente com o conservadorismo dos partidos marxistas. Mas logo uns percebem que o mundo não se resume à praça da igreja matriz e às carinhas de Stalin e Trotsky (tantas vezes evocadas, em horas tardias, em banheiros vazios, numa solitária punheta). Af surgem as dissidências: uns começam a fumar maconha e a ala estudantil do partido reprime; outros lançam-se ao sexo, não só hetero, como também curtindo, zoofilia, necrofilia e baratos afins sendo igualmente reprimidos. Uns abandonam o partido; outros aceitam o seu jugo; alguns, inclusive, acham que os próprios companheiros devem ajudá-los na repressão ao seu homossexualismo latente, ardente e incontrolável, fazendo autocríticas e chegando a casar. Até quando aguentarão esta vida, isto é, sobreviver? Sobreviverão eles à militância heterossexual? Tornar-se-ão porras-loucas? Tornar-se-ão dançarinas de flamenco?

Aguardem os próximos lances deste filme ...

Já os estudantes não atrelados a nenhum partido estão de camarote assistindo essa farsa montada por lideranças pseudo-esquerdistas que se preocupam apenas em apontar falhas na conjuntura universitária, não criticando a estrutura, assim como fazem os partidos marxistas no quadro político mundial: as estruturas (o Estado, a Política, a Religião, a Família, o Exército ...) são preservadas, pois, quando eles tomarem o poder (xocotó, mangalô três vezes !!!) vão querer utilizá-los tal e qual fazem agora seus inimigos. A maioria estudantil, assim retrai-se e se recusa a lutar ao lado de indivíduos tão reacionários quanto aqueles que nos governam. Sabem que eles querem que sua falta de confiança na pseudo-esquerda passe por indiferença. Raciocinam: como seria um governo sob esses líderes estudantis, se, antes de chegar ao poder, já são tão autoritários e intolerantes? Sem precisar da bola de cristal, a maioria antevê uma ditadura pior do que esta sob a qual vivemos. Mas tais lideranças encontram explicações para tudo e sempre recorrem à infalível dialética, que, de resto, é pura inspiração profético-religiosa. Daí a recusa de apoiar este M. E. autoritário que af está e a procura de alternativas.

Nossas propostas

Nossas Propostas para o Movimento Estudantil Libertário

- 1 - Reunir e estruturar os estudantes libertários em organizações especificamente libertárias, como uma alternativa ao autoritarismo das tendências existentes.
- 2 - Essas organizações serão autogestionárias. Isto é, não ocorrerão lideranças que mandem nem estruturas que oprimam o próprio estudante dentro da sua própria organização. Todos serão responsáveis pelos rumos dos acontecimentos.
- 3 - não terão nenhuma ligação com partidos políticos, quer clandestinos quer oficiais.
- 4 - Após a organização por estado, propomos que se crie uma entidade representativa dos estudantes em nível nacional para ser uma alternativa à UNE.
- 5 - Essas entidades refletem a necessidade de se organizar as pessoas sem os vícios das organizações autoritárias, para se renovar profundamente o movimento estudantil.

estudantis, perpetuando a grande pantomima do "Estado", onde os meninos brincam de "poder" e enquanto se dilaceram na luta pelos "cargos" oferecidos na política estudantil, deixam de aprimorar seu potencial revolucionário, aprendendo a fazer o jogo político do sistema. Lembramos aqui o que explica Georges Lapassade em "Grupos, Organizações e Instituições": a universidade se situa em três dimensões que se entrecruzam: a) econômica, que decorre de seu lugar na produção; b) política, já que é vinculada ao Estado; c) ideológica, afirmando que sua ideologia é a Ciência, pretendendo com isso uma neutralidade que, sabemos, é falsa. Tudo de forma a fazer o estudante pensar que no aspecto econômico seu diploma lhe garantirá automaticamente um lugar no sistema de produção e por isso o que lhe interessa é aprender (bem ou mal, tanto faz, contanto que chegue ao diploma) isso ou aquilo, obedecendo à "ideologia da ciência", o que é o grande interesse político do Estado em relação à universidade, pois assim controla melhor esse mesmo estudante, cuja capacidade revolucionária é podada por sua cegueira frente ao que lhe rodeia. Por outro lado, um estudante que saiba discernir esse estado de coisas vê-se igualmente incapaz de modificar a situação, já que a estrutura universitária não permite contestar, a não ser em nível folclórico e/ou ineficaz.

formas de contestação sequer existem, além de que o controle ideológico é ainda mais fortemente exercido; pequenas reformas podem ser efetuadas, se assim desejar o governo, jamais levando em conta os interesses dos estudantes.

Enquanto isso, aqui no Brasil, ainda ouvimos falar de certas soluções como "mais verbos", "contratação de novos professores", "reformulação do currículo" etc. A realidade é que nenhum desses requisitos faria a instituição universitária perder seu caráter autoritário e elitista. É imprescindível uma participação cada vez maior e mais abrangente dos estudantes nos seus assuntos: disciplinas, horários, formas de ensino, provas, professores etc, mas não de forma indireta, através de "eleitos", "líderes", "representantes", pois estes apenas armam a grande comédia do Movimento Estudantil, o qual não passa, a nosso ver, de movimentação estudantil.

Tudo é uma réplica dos partidos ditos de esquerda, cada qual com sua filial universitária, mantendo o mesmo desvio estrutural de pretender se apossar de um aparelho de dominação para modificar o sistema, de acordo com os seus interesses.

Os meninos da minoria estivista, insistem no marxismo e variantes respectivas, mas não importam quais sejam essas variantes, pois, derivadas que são de Marx, não passam



Trabalhadores de todo o mundo, façamos uma grande suruba

Falar sobre sexo é sem dúvida menos interessante do que praticá-lo, mas há tantas visões contraditórias (umas tomarem o poder (xocotó, mangalô três vezes !!!) vão querer utilizá-los tal e qual fazem agora seus inimigos. A maioria estudantil, assim retrai-se e se recusa a lutar ao lado de indivíduos tão reacionários quanto aqueles que nos governam. Sabem que eles querem que sua falta de confiança na pseudo-esquerda passe por indiferença. Raciocinam: como seria um governo sob esses líderes estudantis, se, antes de chegar ao poder, já são tão autoritários e intolerantes? Sem precisar da bola de cristal, a maioria antevê uma ditadura pior do que esta sob a qual vivemos. Mas tais lideranças encontram explicações para tudo e sempre recorrem à infalível dialética, que, de resto, é pura inspiração profético-religiosa. Daí a recusa de apoiar este M. E. autoritário que af está e a procura de alternativas.

As putas, entre eles menos, ou com alguma rara tã generosa.

Isso pra falar apenas da classe média, que sempre é mais problemática do que as outras. Nas classes populares, a putaria rola solta, sem freios e sem culpas. É este, aliás, o grande fantasma sexual pequeno-burguês: o ramoroso. Aquela rapaz e aquela moça casam-se, têm filhos, têm satisfações a prestar à sociedade; alguns deixam de trepar como antes faziam ou sonhavam, engrandecendo o batalhão de infelizes assistindo a novela das oito. Engana-se quem pensa que apenas as formas alternativas de sexo são reprimidas. Na verdade, os tradicionais sofrem mais ainda, angustiados com desejos terríveis que não podem se permitir realizar. Mas um dia a casa cai e esse cara percebe quanto tempo perdeu tolhendo a si e aos outros, pois esta é a melhor maneira de alguém se reprimir. Alguns são suicidas, inclusive. Se você, meu amigo, encontra-se nesta situação, não hesite: realize seu desejo e salve sua vida, deixe de se reprimir e não reprima ninguém. Em suma, tome vergonha na cara ...

Vejamos as razões históricas da repressão, rapidamente. Como todos sabem, ou deveriam saber, ela começou com a organização da propriedade entre os povos antigos principalmente os judeus; ao dono de terras não interessava a sexualidade livre, mormente a das mulheres, que não lhes garantiria a legitimidade dos seus herdeiros. Se elas derem pra todo mundo, ninguém vai saber quem é o pai da criança, e esse proprietário necessita dos braços dos seus filhos para a lavoura. Isso, além de prejudicar as mulheres, oferece o pretexto para reprimir o homossexualismo, já que este proporciona prazer, mas não reproduz a espécie. Assim, a classe dominante judaica, que havia unificado a religião, pra lutar melhor contra seus inimigos e retomar a Palestina, proíbe todas as práticas sexuais que não gerem crianças, isto é, bucha de canhão para as guerras de conquista.

As artimanhas religiosas hebraicas passaram direitinho para seus herdeiros cristãos, que acham que a única razão de ser do sexo é reproduzir a espécie. Não falam em gozo. Entretanto, o homem não tem clo, sua vontade de trepar não acaba, e sendo um animal inteligente, pode inventar mil manelras de obter prazer. A repressão de fundo econômico-religioso, então, cumpre seu papel através dos tempos. Hoje em dia, o controle do sexo passa por questões distintas daquelas, mas sempre com o mesmo fundamento: preservar o poder das castas dominantes. A questão agora é de controle social: se o capitalista deixa todo mundo trepar do jeito que quiser, há grave risco de um operário comer a colega atrás da máquina; um bancário transar com outro no banheiro da agência; o professor papar as alunas; enfim a instauração de uma grande suruba, que diminui a produtividade e os lucros da classe dominante de sempre. A negação do sexo apenas procriador derrubaria os alicerces da sociedade que se baseia na propriedade privada, pois terminaria com a lei da herança, pedra fundamental do capitalismo: todo mundo fode com todo mundo; ninguém sabe quem é-pai de quem; os machos não teriam por que acumular riquezas que não poderiam levar por túmulo, nem as deixariam pra herdeiros que não sabem se são do seu sangue ... Outra consequência importantíssima é o fim da família como instituição, pelas mesmas razões, levando na enxurrada a sociedade repressora como um todo.

QUEM NÃO TREPA, SE FREUD.

Não podemos esquecer de outras nuances, além das econômicas e históricas. Há milênios aquilo; outras, ainda, sugerem o contrário) que não podemos esconder nosso ponto de vista também sobre este gostoso tema.

O sexo é, em si, anárquico, por definição e ação. O desejo sexual é mais forte que qualquer outra coisa e faz com que quase todas as pessoas abandonem tudo para se satisfazer sexualmente. Esse desejo pode se fixar em qualquer objeto, a depender do histórico de vida do sujeito. Para ser mais fácil: o menino pode bater punheta na bananeira e trepar com as tradicionais jegas do interior; a menina pode se acariciar com os dedinhos macios de suas bonecas; meninos e meninas costumam "brincar de médico"; são comuns os jogos amorosos entre crianças e adolescentes, do mesmo sexo ou não. Quando crescem, o rapaz arranja uma namorada e vice-versa. Até alguns anos atrás, sexo genital só depois do casamento, pras moças; os rapazes iam

especialistas podem oferecer, quando muito, paliativos para males que não existiriam se não houvesse repressão. Psicoterapias e conselhos não substituem o valor terapêutico de uma boa trepada, nem aqui nem no divã de Eduardo Mascarenhas.

A Psiquiatria e a Psicologia, atualmente, defendem o ponto de vista de que toda atividade sexual é correta, desde que haja consentimento de ambos os parceiros e seja feito entre quatro paredes. A primeira condição é inatacável, já que a relação sexual que não tem consentimento de uma das pessoas envolvidas é criminosa, por feição autoritária. Mas a segunda não passa de preconceito; o que ela significa é que não se pode atacar o "pudor público", pra não incomodar justamente as pessoas que gostariam de estar ali substituindo as outras.

A PSEUDO-ESQUERDA MORALISTA

Contudo, justamente algumas pessoas que defendem essa revolução fazem julgamentos tão moralistas quanto a burguesia. Afinal de contas, esta e os grupos de pseudo-esquerda, reunidos ou não em partidos marxistas, são apenas faces de uma só moeda. Tais militantes políticos exercem uma pressão avassaladora sobre seus próprios companheiros. Certo partidinho, bastante conhecido por todos, aconselhou a três bichas descobertas em seus quadros, erustidas e medrosas, que fizessem o "tratamento psiquiátrico adequado para aquela doença", dispoñdo-se inclusive a pagar o tratamento ... É muito comum ouvirmos certos "revolucionários" pregarem tretas e mutretas sobre a opressão econômica, propondo uma revolução que iguale a todos, mas em nenhum discurso há algo que fale de sexo. Quando isso ocorre, é em véspera de eleição, com características desavergonhadas de cooptação, que nem quando certos candidatos, nas últimas eleições, procuraram o Grupo Gay da Bahia, à cata de votos bichais, e foram postos a correr. Acerca do homossexualismo, aliás, alguns sexólogos recentemente afirmaram que sua causa seria biológica: quando certas mães têm uma certa glândula (ninguém sabe qual) inflamada, na gravidez, os filhos nascem veados! Uma pergunta se faz, de imediato: por que dois homossexuais, do mesmo sexo, confinados numa ilha deserta, ou numa prisão, terminam por praticar uma relação homossexual? E uma bicha e um sapetão, nas mesmas condições, terminam por praticar uma relação heterossexual? A resposta é simples: a vontade de trepar, a necessidade de trepar, a necessidade de dar e receber amor, em suma, o sexo, são anteriores ao homo ou ao heterossexualismo, são características dos seres humanos, independentes do que cada um prefira fazer na cama.

Sem dúvida, a igualdade econômica, ou seja, o socialismo, é necessária para a liberdade, todas as liberdades; mas não é suficiente. Sabe-se que, depois de séculos de dominação, o homem está submetido a conceitos de autoridade, dos quais só poderá se livrar aos poucos, numa sociedade sem poder, onde cada um possa desenvolver seu potencial, onde a tesão livre seja cotidiana.

Entretanto, não é só chegar para alguém e dizer: desreprimê-se. Para que possamos viver a sexualidade adequadamente, sem repressões, sem medos, sem culpas, devemos trabalhar muito, lutar muito. Trepremos bastante, na maior gandela, em surubas homéricas e sejamos felizes. Se você prefere apenas uma pessoa, junte-se a quem você ama, e sejam felizes para sempre. Se você não quer ninguém, masturbe-se pelo resto da vida e seja feliz. O fundamental é aproveitar ao máximo tudo a que temos direito, pois esta Terriinha azul pode explodir a qualquer momento em que um irresponsável aperte um botão. Façamos sexo, muito sexo, do jeito que quisermos. E viva a putaria!

SEXO SEM AMARRAS

Para os anarquistas, as necessidades fisiológicas e psicológicas do amor escapam aos regulamentos, porque têm em si a sua própria razão de ser, incapaz de modificar-se por meio de códigos, leis ou preconceitos sociais. Por este motivo, propagam o amor livre e a liberdade sexual, o sexo apenas por prazer, pelo prazer, com quem a pessoa quiser, onde e como quiserem. Todas as formas de foder são válidas e legítimas, desde que, exatamente, propiciem prazer, da maneira mais ampla possível a cada um de nós. A própria punheta é vista com bons olhos e feita com boas mãos, não apenas como complemento a outras formas de sexo, mas até, pra quem queira, como a única e melhor forma de gozar. A monogamia e a monoandria não existem, homens e mulheres podem arranjar parceiros diferentes, além de um parceiro ou parceira mais constante, com quem tenham ligação afetiva maior. O sexo fica, assim, desvinculado de amarras pseudo-amorosas; é apenas uma atividade humana, como comer, respirar, etc.; ora, ninguém come apenas a mesma comida ou seu marido ou sua esposa, idem pro ar que se respira; quanto a cagar, cagamos nas mais diversas latrinas. O importante é que não haja sentimento de culpa, cada um goze da maneira que queira ou possa, mas goze sem remorsos, numa boa.

Claro que o clímax, por exemplo, existe, e pode estragar uma relação, mesmo nesses moldes, mas isso não justifica nenhuma regulamentação para a fidelidade, nenhuma perseguição aos "infelizes". Os códigos morais que traduzem de forma escrita ou prática as repressões causam danos terríveis à nossa estrutura interna, fazendo-nos tentar sublimar o sexo e o resultado é quase sempre o desenvolvimento de neuroses. Estas, sim, anti-sociais. Portanto, a repressão tenta se justificar através daquilo que ela própria engendrou. Uma revolução socialista, assim, deve se preocupar de imediato com a liberação sexual e o fim desses códigos que nos atrapalham a vida.



Capitalismo forja uma "crise" econômica para aumentar a exploração

A afirmação pode parecer absurda para quem está desempregado ou para quem está pagando o litro da gasolina a Cr\$1.120 e o do álcool a Cr\$720. Contudo, admitir que existe uma crise na economia brasileira, é admitir que, anteriormente, existia uma situação de equilíbrio e desenvolvimento, o que, como todos sabem, é uma inverdade.

Crise pressupõe existência de um período precedente de ordem econômica e ninguém são de mente pode chamar o governo Médici de período de prosperidade. Naquela época, como ficou comprovado o Sr. Delfim Netto já manipulava os índices inflacionários da maneira descarada que sempre o caracterizou. O chamado "Milagre Brasileiro" nunca representou bem-estar para o grosso da população brasileira. Foi a época, inclusive, na qual o arrocho salarial mais pesou na bolsa da população trabalhadora. O único fator positivo daquela época é que, com o controle de preços dos gêneros básicos pelo Estado, a miséria e a fome se restringiam aos tradicionais bolsões de pobreza: as favelas urbanas e o campesinato rudimentar, principalmente do Nordeste. A diferença é que, hoje, a fome se alastra a todos os setores sociais, havendo gente que mora em zonas nobres das cidades que não tem dinheiro para comer.

Durante o governo Médici, devido às alquimias do Sr. Del-

fim, então à frente do Ministério da Fazenda, o índice da inflação nunca ultrapassou os 25,5%. O super-ministro, naquela época, em plena vigência da feroz ditadura, podia fazer o que quisesse dos números que mediam o Índice Geral de Preços — IGP, porquanto ninguém teria coragem de contradizê-lo sem correr o perigo de ir para as masmorras do regime.

No âmbito internacional, a classe dominante brasileira e os militares contavam com uma conjuntura favorável, na qual os dólares sobravam por todo lado. Para sustentar seus devaneios e sua ambição, a classe dominante e os militares foram com incrível sede ao pote (muitas fortunas de hoje foram "edificadas" de maneira não muito edificante, naquela época) dos banqueiros internacionais. Se uma obra fosse custar 500 milhões de dólares, pedia-se 1 bilhão, só Deus sabendo para onde ia a diferença, já que, não endossamos (jamais!) a teoria que a diferença, foi parar em contas numeradas na Suíça, o que é, efetivamente, uma calúnia.

Na revista do Banco Interamericano de Desenvolvimento — BID, há uma clara ilustração do que significou a década de 70 para o endividamento das nações latino-americanas, e, através da publicação, podemos entender porque os governos militares nos meteram na situação em que estamos. Segundo o BID, no Chile de Pinochet, por exemplo, até mesmo uma pontezinha de 10

metros exigia empréstimo externo para ser construída. No Brasil, um projeto de eletrificação rural no Oeste de Minas Gerais, teve seus postes de cimento financiados pelos bancos estrangeiros. Quer dizer, tomava-se dólar até para fazer poste de eletricidade. Não é de estranhar que devamos 100 bilhões de dólares hoje em dia.

IDEOLOGIA DA CRISE

Chegou um momento em que tanta dissipação tinha que ter um paradeiro, pois, senão, nem os desonestos teriam mais o que rou-

que é que se construiu para o bem-estar do povo brasileiro com este dinheiro? Alguns economistas arriscam a hipótese do "Flagelus Suiçus", uma incrível traça que come dólares e que teria devorado, ainda nos cofres brasileiros, todos os dólares tomados aos banqueiros e instituições governamentais de crédito estrangeiras. O "Flagelus Suiçus" dá em todos os climas, só que, nos trópicos latino-americanos, em presença de muito verde-oliva, branco e azul, ele viceja como cactus no sertão bravo.

Fora desta explicação científica, também há aquela dos eternos descontentes. Segundo estes, os empréstimos foram tomados para serem devolvidos aos próprios países que emprestaram, na forma de compra de coisas absolutamente desnecessárias para o Brasil, como é o caso das usinas atômicas de Angra dos Reis. De acordo com estes eternos descontentes (nas palavras do saudoso e hoje liberal renomado, general Ernesto Geisel), os banqueiros estrangeiros fizeram uma incrível gozação com os brasileiros. Eles emprestavam os dólares desde que nós comprássemos bugigangas em suas mãos. Uma destas bugigangas foram justamente as



Delfim Netto: forjando milagres e, agora, também crises

bar. Começara o tão esperado, pelos banqueiros, momento da cobrança da dívida: Os empréstimos, em grande parte tomados a taxas flutuantes (isto é, aplica-se sobre o saldo devedor a taxa de juros vigente no dia do vencimento em Nova Iorque ou Londres), começaram a render rios de dólares para os banqueiros estrangeiros, principalmente os norte-americanos.

Mas, perguntam os brasileiros: e onde estão os 100 bilhões de dólares tomados emprestados? O

caríssimas usinas nucleares, na qual enterramos boa parte dos 100 bilhões de dólares. Obviamente que as autoridades que fecharam este negócio das Arábias como os alemães receberam as suas "comissões". Quer dizer, um país em que 96 milhões de habitantes, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação) não consomem sequer a quantidade de calorias necessária para uma vida normal, dispõe de reatores atômicos. Todas estas elo-

Ajude o Inimigo

Todos sabemos que um jornal custa dinheiro. Muito dinheiro. Se você quer nos ajudar a continuar imprimindo o INIMIGO DO REI. Se Você se identifica com as idéias d'O INIMIGO DO REI. Mande vales postais (que podem ser adquiridos em qualquer agência dos Correios) para ANTONIO SANTOS OLIVEIRA, Caixa Postal: 2540, Salvador, CEP 40.000, Bahia.

cubações, contudo, nos parecem caluniosas e nós, como o resto dos brasileiros patriotas, não admitimos que se lancem suspeitas sobre a seriedade daqueles que contrataram as famosas usinas, tão boas que até hoje não funcionam.

Diante de tal quadro, de começo do pagamento da dívida, as autoridades tiveram que pensar num reajuste da economia, para fazer frente aos compromissos com as classes dominantes estrangeiras. Como pagar os juros da dívida que começou a vencer? Exigir sacrifícios de um povo que já vivia com uma mão na frente e outra atrás? Em nome de quê? Então, surge a ideologia da crise. Como os capitalistas do mundo industrializado estavam em fase de ajustamento de suas economias para melhor explorar seus próprios povos, pensou-se em lançar sobre eles, os estrangeiros, a culpa pelos rigores econômicos que seriam necessários.

POBRES ÁRABES

Nesta época, por volta de 1973/1974, os árabes deram o azar de começar a reivindicar melhores preços para o seu petróleo. O que fizeram eivados de absoluta justiça, pois ninguém tem direito de pagar por uma matéria-prima tão nobre os preços ridículos que as multinacionais ocidentais pagavam pelo petróleo extraído no Oriente Médio. Contudo, isto serviu de pretexto às classes dominantes do Ocidente para criar a ideologia da crise. Em verdade, a teoria das "crises cíclicas do capitalismo", endossada pelas "esquerdas" marxistas, não passa de um reajuste da economia para que a burguesia aufera maiores lucros sem novos investimentos.

Toda sociedade capitalista, pelo seu próprio desenvolvimento orgânico, vai atingindo patamares de bem-estar que, mesmo que os capitalistas não queiram, vão dividindo a renda e criando uma situação de equilíbrio social. No entanto, não existe capitalismo sem lucros crescentes. A estabilidade é a própria negação do capitalismo. Daí a necessidade de se forjar crises para que, com elas, se ganhe mais dinheiro. Assim, desemprega-se uma boa parte da mão-de-obra assalariada e exige-se daqueles que ficaram nos empregos a mesma produção anterior.

Para entender isso não precisa ser economista. Olhe, hoje, você, leitor, no seu local de trabalho. Se você trabalha na sua empresa há mais de cinco anos, vai notar que hoje, há, no máximo, metade dos trabalhadores



Os trabalhadores devem ignorar a "crise" e exigir mais e mais melhorias

que quando você começou. No entanto, você sente que hoje a empresa produz tanto quanto produzia anteriormente e, se você é bancário, vai notar que produz mais. Todos trabalham muito mais, embora ganhem a mesma coisa (em termos de poder de compra) de cinco anos atrás e o número de trabalhadores seja muito menor que anteriormente. Esta é a famosa "crise" do capitalismo. Isto é, uma manobra das classes burguesas para ganhar muito sem investir nada.

Usando este fantasma da "crise", o patrão assusta o trabalhador e exige dele condições humilhantes de contrato, exigindo horas extras não remuneradas, reajustes salariais abaixo dos índices reais de inflação, e, pior, impondo uma subserviência indigna. Os financistas (o setor da burguesia que mais ganha neste período de ajustamento do capitalismo), aproveitam para especular com o dinheiro, que se torna caríssimo, pois ninguém o tem. Aí é que surgem as taxas de juros altas, alimentadas ainda mais pelos governos, incapazes de gerar receita pelo caminho da produção. Os governos irresponsáveis, como o brasileiro, lançam mão da emissão de papéis garantidos pelo Tesouro Público e, assim, criam uma euforia especulativa no mercado, elevando as taxas de juros aos píncaros, impedindo pequenos e médios empresários (os únicos que não mamam na teta da falsa crise) de tomar dinheiro para investir e criar mais empregos e riquezas.

TODOS UNIDOS

Criado o ambiente da falsa

crise, faz-se o apelo à união nacional. Como são os árabes e os banqueiros estrangeiros os culpados pela "crise", então, todos os brasileiros devem esquecer suas diferenças para produzir mais, exportar mais, e, assim, cumprir os "compromissos" de honra do Brasil com o exterior.

Tudo balela!

E o povo sente que é balela e não vai trabalhar debaixo do porrete, como nos tempos de Médici, para pagar contas que não foram assumidas por ele. Então é que nasce (sempre nasce nestes momentos, é uma verdadeira geração espontânea...), a idéia da "democracia". Para evitar que o descontentamento po-

pular com as medidas de ajustamento da economia desenboquem em movimentos guerrilheiros como em El Salvador ou Nicarágua, as classes dominantes resolvem canalizar toda a insatisfação popular para o Parlamento, fazendo eleições gerais para atrair para um só lugar o ódio generalizado da população.

Neste aspecto, a burguesia conta com a cumplicidade pública das "esquerdas" marxistas e nacionalistas, que vêem no Parlamento uma chance de ganhar dinheiro, prestígio e poder de maneira fácil, cômoda e, para nós, iníqua. Os partidos de "esquerda" há muito desistiram de fazer revolução (se é que um dia pretenderam...). Somente os militares ignorantes, sem nenhuma formação intelectual, acreditam na "ameaça vermelha". Esta ameaça há muito deixou de ser vermelha. Hoje ela é, no máximo, rosa.

Com a aquiescência dos "esquerdistas", faz-se uma farsa política. Anistia, greves consentidas, tudo isto faz parte da peça da "crise". Afinal, é muito melhor ver alguns trabalhadores de braços cruzados, que uma multidão armada de metralhadoras fazendo guerrilha. Os marxistas, como são admitidos nos empregos públicos, nas universidades e em toda parte (é o pagamento do Sistema pela sua adesão à tese da "crise"), têm que mostrar trabalho, e, imediatamente, começam a produzir livros nos quais apontam "saídas" para a "crise".

Isto é, a sociedade burguesa chega ao clímax do surrealismo, com os "esquerdistas" propondo saídas para o que não existe.

Correspondência Internacional

De 24 a 30 de setembro de 1984 reúne-se, em Veneza, o movimento libertário internacional: é o Encontro Internacional Anarquista debatendo "Tendência Autoritária e Tensão Libertária nas Sociedades Contemporâneas".

Estamos recebendo regularmente:

- 1) "Libertarian Workers Bulletin" — Austrália
- 2) "Open Road" — Canadá
- 3) Boletim da Associação Internacional dos Trabalhadores — Espanha
- 4) "CNT — Espanha

- 5) "Agora" — França
- 6) "Cenit" — França
- 7) "Le Monde Libertaire" — França
- 8) "Rivista Anarchica" — Itália
- 9) "Umanita Nova" — Itália
- 10) "A Batalha" — Portugal
- 11) Boletim do C.I.R.A. — Suíça
- 12) "Comunidad" — Suécia
- 13) "Blacklist" — EUA
- 14) "No Middle Ground" — EUA
- 15) "Guálgara Libertaria" — EUA

AVERTISSEMENT/ADVICE/AVISO: o único endereço de O INIMIGO DO REI/ Editora e Livraria "A", no Brasil, é: Caixa Postal 2540, Salvador CEP 40.000, Bahia, Brasil.

DIRETAS, JÁ

Na Europa e nos Estados Unidos, a conversa fiada de crise do petróleo e outras balelas, iludem a massa de maneira satisfatória, pois há um estado de bem-estar social ("welfare state") que não permite a miséria absoluta. No Brasil, e no Terceiro Mundo em geral, no entanto, o povo logo se cansa da conversa fiada e começa a exigir mais. E a burguesia tem que dar mais. Aí surge a campanha das diretas, já. A suprema alienação, na qual os eleitores terão a sensação de determinar os destinos do país colocando um pedaço de papel com um nome numa urna.

Pelas espinhas dos incautos eleitores, passa um "frisson" ao depositar seu voto. Os comunistas e toda sôrte de marxistas e nacionalistas "de esquerda", sentem verdadeiros orgasmos ao apoiar o "seu" candidato nas diretas, já. Isto é, o governador Tancredo Neves, ou será Tancredo Never? notório conservador, direitista brabo (para não ficarmos na calúnia, basta lembrar que no dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, em abril de 84, a PM de Minas foi a única que atacou a população a cacetadas porque se manifestava em favor das diretas), é o candidato das "esquerdas".

As únicas pessoas que têm medo do Sr. Tancredo são aqueles que estão mamando feio no poder, pois eles vão perder a boca. Não que o Sr. Tancredo vá moralizar coisa alguma: é que quem vai passar a mamar será o grupo dele, e é isto que muita gente fardada não quer.

ENTREGA A DOMICÍLIO

No âmbito externo, a crise se traduz pela necessidade de pagar os dólares, e, isto, o Sr. Tancredo e o Sr. Maluf, nem de longe questionam. Todos os dois se comprometeram a continuar a sangria nacional.

Neste particular, cabe lembrar a ideologia do "exportar é o que importa". Em verdade, os países ricos estão transformando

o Terceiro Mundo numa imensa fábrica de objetos de média e baixa tecnologia. Como a mão-de-obra é mais barata nos países pobres, é mais lucrativo produzir um televisor aqui nestas plagas e depois vendê-lo mundo afora por um preço exorbitante, obtendo fabulosos lucros, que o sistema de "welfare state" dos países desenvolvidos não permite mais, pois os trabalhadores destas nações são organizados e exigem pagamento condigno.

Países exportadores de brica-bragues eletrônicos como Taiwan, Coréia do Sul, Hong Kong, Singapura, Panamá e Brasil, são, na verdade, filiais dos conglomerados industriais dos países ricos. A luta para conseguir um superavit na balança comercial é um espetáculo de ópera bufa. O brasileiro tem que trabalhar feito um desgraçado; é pago com salários defasados, absolutamente fora da realidade; não pode consumir nada do que produz, pois o preço no mercado interno é proibitivo justamente para incentivar a venda ao exterior; e depois seus patrões vendem os bens produzidos no Brasil por um preço irrisório aos países ricos ou pobres. Para quê? para gerar dólares para pagar a tal dívida.

Mas a dívida já está paga. Só de 1974 a 1984, o Brasil pagou quase 40 bilhões de juros. As exportações, neste caso, não passam de entrega a domicílio, na medida em que as mercadorias nunca são compradas pelo preço que valem e o pouco dinheiro que delas resulta é repassado para os próprios países ricos.

Quer dizer, o que hoje as nações industrializadas fazem com as nações pobres, é bem pior que na época do colonialismo imperialista, pois, no Séc. XIX, pelo menos a metrópole tinha algumas obrigações com a colônia, como a defesa, por exemplo, e, hoje em dia, a sangria é total e ainda nos obrigam a formar um Exército, uma Marinha e uma Aeronáutica para ficar defendendo os interesses deles dentro do nosso país.

Agora, mais cômico que a ex-



A violência é a resposta do Estado contra trabalhadores famintos

portação (entrega a domicílio), é a chamada rolagem da dívida. Como os Estados Unidos e outros países ricos (ricos em cima da miséria alheia) sustentam seu desenvolvimento graças a déficits públicos gigantescos, as taxas de juros deles sobem demais. Como as dívidas externas do Terceiro Mundo são contratadas a partir das taxas vigentes em Nova Iorque e Londres, os débitos dos países pobres sobem todo dia e nunca poderão ser pagos, pois são aumentados ad-infinitum pela pressão das taxas internacionais. O que é feito, então? Como é impossível pagar toda a dívida, uma parte dos juros é contabilizada como nova dívida. A outra parte os banqueiros "emprestam", então, ao Brasil, para que este possa pagar os juros. Só que estes "empréstimos", nunca chega ao Brasil. É apenas uma operação contábil, o dinheiro fica lá mesmo em Nova Iorque e Londres.

ÚNICA SAÍDA

Pensamos que ficou claro que não existe crise alguma. Que tudo não passa de manobras das classes dominantes para ganhar mais dinheiro, com menos mão-de-obra e sem nenhum trabalho sério. Até mesmo a tão decantada inflação, não passa de uma manobra da burguesia, na medida em que ninguém combate uma coisa que dá lucros exorbitantes.

O Sr. Paes Mendonça, por exemplo, jamais vai querer que a inflação baixe, se é ela que lhe garante vender, amanhã, por Cr\$ 10 mil, a mercadoria que ontem comprou por Cr\$ 1 mil. Como ele tem um "lobby" junto ao governo, este "lobby" torpedeia qualquer medida antiinflacionária. O mesmo ocorre com os poderosos banqueiros. Nunca, como nesta "crise" (verdadeira mãe carinhosa), os banqueiros tiveram tantos lucros (e lucros reais. Não são luros nominais, não). Os banqueiros expandem suas redes, instalam computação eletrônica até em Santa Rita do Lá Vai Fumaça, abrem agências no exterior.

Fazem tanta coisa que às vezes nos perguntamos, num rasgo de consciência: se estamos em crise, como é que esta gente consegue fazer tanta coisa num tempo de dificuldades? Acontece que a crise que a burguesia quer vender para os trabalhadores é uma farsa. Ela quer que nós paguemos pela sua sede de lucros.

Veja-se que os banqueiros, nos últimos cinco anos, quase dobraram a sua rede de agências, e, no entanto, os bancários continuam lutando para ter um piso salarial decente. Os banqueiros instalam computadores eletrônicos nas agências, mas pagam menos de 200 mil mensais a um bancário iniciante. Dá pra ver, só por aí, que a crise é uma farsa.

É por isso que nós propomos que os trabalhadores simplesmente ignorem a ideologia da crise. Deve-se aproveitar a brecha da democracia, criada pelas contradições do próprio sistema burguês, e organizar sindicatos cada vez mais reivindicantes. Deve-se ignorar qualquer apelo dos patrões à moderação. Não há que ter moderação com gente que tem lucros que ultrapassam os 1.000 por cento.

Neste momento em que o governo e as classes dominantes falam em crise, os trabalhadores devem exigir tudo que têm direito: casa própria confortável, alimentação farta, eficiente assistência médica, aposentadoria antecipada e bem remunerada. Enfim, as classes trabalhadoras não devem entrar no jogo dos patrões e não aderir à farsa da crise.

Os trabalhadores devem ignorar, também, os apelos das esquerdas autoritárias, todas elas comprometidas com este Sistema que aí está. E para sair da arapuca armada por estes vanguardistas mamadores, só mesmo organizando os sindicatos e associações populares de forma autogestionária. Isto é, sem chefias, sem gente que possa, de alguma maneira, usurpar o poder de decisão e temporizar com as classes dominantes. Tudo o mais é conversa para boi dormir!

EXPEDIENTE

O INIMIGO DO REI é feito por trabalhadores intelectuais e braçais, do campo e da cidade; por universitários; por secundaristas; e por grupos de afinidade, de forma autogestionária: não há hierarquia e todos são responsáveis igualmente pelo jornal.

Capa: Carlos Augusto Rodrigues

Diagramação: Reinaldo Tadeu

O INIMIGO DO REI é uma publicação da Editora e Livraria "A" (CGC/MF 14.727871/0001-63), Caixa Postal 2540, Salvador, Bahia - Brasil - CEP. 40.000